



NOSSAS

REVISTA

CULTURA, ESTÉTICA & LINGUAGENS
VOL. 06, Nº 1 - 1º SEMESTRE - 2021

ISSN 2448-1793

DOSSIÊ IMAGENS
AUTO/BIOGRÁFICAS
NA HISTÓRIA E NA
PRÁTICA ARTÍSTICA



Literatura

POESIA

HUMAN POSE

<https://doi.org/10.5281/zenodo.4906108>

Matheus de Simone

antes de mais nada, sinto-me
no dever de descrever
a atual circunstância:

não sei o que tanto
arrumam de obra
na vizinhança
mas desde domingo
ou sábado, já não me lembro
ou seja, há mais de
quarenta horas
que um fura fura
que não cessa
martela de fundo
no ouvido.

tipo o zunido que se ouve
o que ouço
incessantemente
mas só ouço mesmo
de verdade
quando procuro por silêncio.

esta é a atual circunstância.

é um som difícil de se escutar
não por ser exatamente baixo
ou demasiadamente particular
mas justo
por não ter pausas, pontes, refrão,
nada disso, apenas por estar contigo
feito um encosto, diria
minha vizinha da igreja,
mas sim feito um encosto
cujo passe forte, o certo, eu diria
apenas a capacidade
de não mais se ouvir
coisa alguma seria.

pois bem, está aqui conosco
este som
à medida que leio
você lê
nos escutamos
e algo, ondas se formam
e de fundo, nossa trilha-sonora
que olha, até penso que tem
se arranjado bem com as outras
mil tralhas que pusemos nos
fundos de nossas gavetas

desde cupons fiscais, pedacinhos de
qualquer coisa da adolescência
caquinhos, nada mais que não esteja
prestes a se tornar poeira
pois afinal poeira
é pele morta
e nosso som aqui é bem vivo
isso precisa estar claro
isso precisa estar escuro
do tipo vivo que se finge de morto

pois fingimos que não está ali
de forma muito próxima aos
caquinhos de nossas gavetas
porque

ora, por quê?
não sou eu quem vou te responder
não cometamos essa indigência.
mas vamos combinar
— tão fácil e prático quanto ceder nossa
pele ao grave peso da terra.

eis que, bem, enfim
bem no meio dessa atual circunstância,
quando vem outros
sons muito mortos
mas que se fazem de vivos
como esse de minha vizinha
ou como as lambidas eróticas de meu cachorro
em suas bolinhas que
mal sabe ele que
logo logo
serão cortadas
mortas, o som de uma despedida
essa sinfonia que compete com
nossa trilha, a coluna vertebral
ignorada pois é mais fácil
fingir que não há
de se cuidar de hérnia alguma
que é a cadência do corpo
decadência do tempo
vivência, qualquer coisa
negligência alguma
e há que se
admitir que meu cachorro
prestes a perder as bolas
ainda é mais inteligente
pois de tempos em tempos
torna-se capaz de acompanhar essa trilha
lança suas patas unidas pra frente

me encara
faz um triângulo digno de aulas de yoga
e ainda solta um gemido que tenho certeza que
se meu alfabeto falasse
diria
que já está mais do que na hora
de qualquer coisa que facilmente
eu tenha me esquecido, mas ele não
ele nem precisa de lembrar-se
de esticar-se
todo santo dia.

e aí que no centro dela
nessa cena circunstância
esse som
como os olhos de um cão
de guarda
um alerta, sirene surda
monossilabicamente pergunta
— e se você simplesmente saísse por aí
por essa porta sem nem dizer tchau?
e tudo saísse por aí
sem mais me alimentar
se você for embora
e eu daqui
pois perto do chão
consigo sentir e ouvir
trepidantes passos
marchantes

não chega a ser um futuro
tampouco bicho vivo revival
conhecido
gotejante maremoto
vem chegando
um tufão
vejo o som, ouço o chão
se aproximando
e se então você fosse o que sempre foi
o que nunca realmente foi

antes de que chegue logo todo silêncio
sem voltar mais?
e se fosse então embora de si
fosse de volta pro mundo
o mundo dos outros
aquele, sabe que sempre foi
sem nunca
a este mundo
nunca voltar mais?

precisaria de instalar os tímpanos
na zona desconhecida
abaixo do pré-sal
antes mesmo do centro da terra
uma tecnologia de ponta
de diamante
capaz de gravar em nossas frentes
testas frágeis, vítreas
as partituras do que já está aqui
numa versão popular
poderia dizer inclusive radiofônica
pois atravessa tudo, paredes, ossos
favelas alphavilles
o avesso
tata por dentro
sim, este
incessante exigente
som
presente profeta
professor
de tudo.

